



ENSAIO SOBRE LINGUAGEM: O HOMEM E SUA REFINADA CAPACIDADE COMUNICATIVA

Juliana Behrends de Souza Cerqueira ¹

Julio Teixeira de Souza ²

RESUMO

Há quem considere a linguagem um instrumento básico para o ser humano. Grosso modo, os seres humanos deixaram de lascar pedra e passaram a refinar a linguagem. Da mesma forma que, ao observarmos uma ferramenta, temos uma ideia de suas possibilidades funcionais, igualmente, analisando a linguagem, é possível perceber o que podemos fazer por meio de seu uso. A linguagem é sem dúvida um instrumento fabuloso, permite-nos usar a razão, capacidade característica nossa que nos qualifica como racional. O presente ensaio tem a meta principal de discorrer sobre a linguagem em uma perspectiva humana, quando se vê o humano como competente artífice da linguagem. Para o que propomos, iremos recorrer a diversos estudiosos de variadas áreas, estabelecendo conexões e relações ainda não efetivadas.

Palavras-chave: Linguagem. Homem. Racionalidade.

ABSTRACT

Some people consider language a basic instrument for the human being. Roughly speaking, humans stopped chiding stone and began to refine language. In the same way that, when we observe a tool, we have an idea of its functional possibilities, equally, analyzing language, it is possible to understand what we can do through its use. Language is undoubtedly a fabulous instrument, allows us to use reason, our characteristic ability that qualifies us as rational. This essay has the main goal of discussing language from a human perspective, when one sees the human as the competent artisan of language. For what we propose, we will turn to several scholars from various areas, establishing connections and relationships not yet effective.

Keywords: Language. Human. Rationality.

RESUMEN

Algunos consideran el lenguaje un instrumento básico para el ser humano. En términos generales, los humanos dejaron de esconder piedras y comenzaron a refinar el lenguaje. De la misma manera que, cuando observamos una herramienta, tenemos una idea de sus posibilidades funcionales, igualmente, analizando el lenguaje, es posible entender qué podemos hacer a través de su uso. El lenguaje es sin duda un instrumento fabuloso, nos permite utilizar la razón, nuestra habilidad característica que nos califica como racional. Este ensayo tiene el objetivo principal de discutir el lenguaje desde una perspectiva humana, cuando uno ve al humano como el artesano competente del lenguaje. Para lo que proponemos, recurriremos a varios estudiosos de diversas áreas, estableciendo conexiones y relaciones aún no efectivas.

Palabras clave: Idioma. Hombre. Racionalidad.

¹ Doutoranda em Linguagem (UFF). Doutora em Educação (UI-PY). Mestre em Língua Portuguesa (UFRRJ). Especialista em Letras (LLP). Graduada em Letras (FEUC). Professora EBBTT Colégio Pedro II. <http://lattes.cnpq.br/6135427902428706>. jubehrends@gmail.com

² Doutorando em Linguagem (UFF). Mestre em Língua Portuguesa (UERJ). Especialista em Língua Portuguesa (UERJ). Especialista em Psicopedagogia (UERJ). Graduado em Letras (UESA). Servidor público federal. <http://lattes.cnpq.br/7086337957247981>. jtsouza02@yahoo.com.br



INTRODUÇÃO

O ser nasce um animal e torna-se, paulatinamente, humano se viver em sociedade, onde atuará com a linguagem, que, por sua vez, é humana e humanizadora. Se voltarmos os olhos para os nossos primeiros anos de vida extrauterina será possível perceber que esse enunciado de tom darwiniano tem efeitos de verdade encontrados no observável (BITTAR, 2011).

Tal como os animais irracionais, nascemos animalizados, tateando o mundo para nos achar nele. Em nossos iniciais momentos de existência, o que se verifica é um sujeito a ser saciado em suas necessidades básicas de sobrevivência, como ocorre com qualquer animal em geral. Somos dependentes, até mais do que os irracionais, precisamos de proteção, de alimentação, que não nos conseguimos oferecer (SOUSA; SOUSA, 2019).

Na fase inicial da vida, humanos e animais pouco se diferenciam. Há, porém, várias iniciativas com o propósito de distanciar a humanidade da animalidade. Para isso, tem-se trazido uma considerável característica humana que não encontra par no reino animal selvagem: trata-se do sorrir (PROPP, 1992; MARIN; CASTRO, 2020).

O ser humano é o único animal capaz de sorrir (PROPP, 1992), dizem também que ele é absoluto na engenhosidade de suas criações cada vez mais se superando; defendem que é ímpar na capacidade de simbolizar. Não nos arriscaríamos em dizer que os animais não têm linguagem, que não se figuram em seres com pensamentos, que apenas agem por estímulos (internos ou externos) e respostas (ROCHA, 2004). Quanto a isso, há estudos em andamento reformulando ostensivamente os entendimentos estabelecidos precariamente, por isso passíveis de mudança (FIORIN, 1992).

A linguagem dos animais é objeto de estudo, como fora para Darwin, como também para o qual se voltou em alguma medida Benveniste (1902), falando sobre comunicação entre as abelhas. O meio de comunicação animal não se assemelha ao do humano. Ainda que possamos aceitar os animais se comunicarem, eles não aprimoram sua comunicação, não a refinam, não a estudam, não pensam na melhor maneira de dizer para atingir seu objetivo, são estritamente também incapazes de acessarem, por símbolos, saberes com e



tampouco sem correspondência no mundo físico (CASTILHO; MARTINS, 2012). Não abstraem, agem por repetição, por osmose, não usufruem do saber de crença e muito pouco do de “conhecimento”. A rigor, parecem somente reconhecer (CASTILHO; MARTINS, 2012).

Seria curioso saber se as expressões dos animais carregam valores sociais animais, como acontece na realidade humana entre os humanos. Um cachorro dificilmente se sentirá injuriado se alguém lhe chamar de mentiroso, de guloso (não sei se entre eles isso acontece), sequer terá baixa autoestima se fracassar em algo. Para eles, a linguagem supõe ter muito mais uma vitalidade sinalizadora do que significante. Devem reconhecer sons de palavras frequentemente ouvidas e agir em resposta a elas. Pouco ou nenhum sentido os termos devem comportar (BORDENAVE, 2017).

Mas, se os animais tivessem condição de aprimorarem-se na linguagem, torná-la mais elaborada, utilizassem-na simbolizando valores melhorativos, pejorativos, crenças, como arquivo de informações dos seus antepassados e se relacionassem de maneira cooperativa por meio dela como os seres humanos fazem, provavelmente os humanos não ocuparíamos o topo da cadeia alimentar. Até porque não somos os maiores detentores da força bruta (CASTILHO; MARTINS, 2012). Numa luta corporal entre um humano e um urso, por exemplo, a força consagrará o segundo vitorioso.

Supomos que, na vida animal irracional, cada ser surja como uma folha em branco, como uma tabula rasa, como propuseram Looke (2011) e também Aristóteles (1979). A rudimentar memória animalesca registrará mais o menos o suficiente para a sobrevivência de cada animal. Os registros serão obtidos somente pelo que o animal pode experimentar, ele não se aproveitará de experiência de outros, não lê deles relatos e parte daí para a construção de inferências e novos conhecimentos (BERGER, 2021). No caso dos humanos é diferente, aprendem com o que viveram, mas com o que não viveram também aprendem, acessam o mundo por seus próprios olhares e pelos olhares dos outros (FOLEY, 1997).

A linguagem é a condição de poder entre os animais (para aqueles que a tenham e talvez muitos a tenham em graus variados de refinamento) (MARTINS, 2017). Quem a possui mais desenvolvida, assim também se coloca frente às outras espécies, supera-as, pelos menos na capacidade de conquistar mentes e



corações. Foi pelo uso da linguagem que o *homo sapiens* superou seus contemporâneos humanos (MOSE, 2019). Foi pelo uso da linguagem de maneira convincente que os porcos ascenderam ao poder na ficção-“realista” de George Orwell, subjugando mesmo os próprios seres humanos. Em a *Revolução dos Bichos*, figura-se o potencial manipulador humano por meio da linguagem, especialmente no que ela tem para fazer com **que** acreditem que quem a possui em maior desenvoltura se traduza no ser mais capacitado para conduzir os outros. Os sofistas utilizavam-se dessa habilidade de bem empregar a linguagem, por ela criando realidades discursivamente lógica, em que muitos cidadãos da *polis* acreditavam ingenuamente (EL-JAICK, 2016).

Como dito, pela linguagem que os *homines sapientes* se tornaram os sobreviventes ante a luta contra os neandertais, erectus, denisovano etc. Deu-se especialmente pelo uso dela não para a representação das coisas do mundo físico, mas pelas do mundo metafísico, pelo que não se pode ver, porém em que se pode acreditar (OLIVEIRA, 2017). A crença é um exemplo de alto grau de simbolismo (MELLO, 2007). A linguagem simbolizadora foi, então, uma condutora da realidade imaginada, responsável pela união de forças rumo a um mesmo propósito (DORNELLES, 2003).

Em épocas primitivas, a linguagem se resumia na emissão de sons inarticulados, feitos grunhidos. De acordo com Benveniste (1902, p. 369, grifo nosso), “da barbárie original à condição atual do homem na sociedade, descobria-se uma gradação universal, um lento processo de educação e de **refinamento**”. Quando recém-nascidos, engatinhamos atrás do que queremos, para pegá-lo, não representamos simbolicamente um objeto do mundo para solicitá-lo a alguém. Agora percebemos a importância de dominar a linguagem, conhecê-la e usufruir-lhes de suas mais variadas potencialidades.

Temos a competência languageira e possibilidades de *performances* para a interação no meio social onde estamos inseridos. O refinamento da linguagem, no sentido de sua qualificação para atender às necessidades humanas, trata-se do aprimoramento de uma das mais altas aptidões do homem. Desenvolve nos e pelos homens por meio dos estudos conduzidos por vários ramos das ciências da linguagem, como também da Filosofia (BIZZOCCHI, 2021).

Se outrora uma linguagem rudimentar era o bastante para um ser também nessa condição, atualmente é mister uma linguagem aprimorada. Ela e os seres



humanos evoluem de mãos dadas. Uma linguagem simples servia a um ser “simples”, uma linguagem complexa servirá a um ser complexo. O *homo sapiens* hodierno não é mais o de antanho, por isso a linguagem em geral, mas, especialmente, a verbal modificaram, refinaram-se, e isso aconteceu e vem acontecendo e, outrossim, acontecerá pelos mais variados estudos da linguagem humana (ARCHER, 2019).

A LINGUAGEM DE ANTES

Como na clássica imagem de mutação dos seres humanos em evolução da espécie segundo Darwin, a linguagem humana ergueu-se. Tornou-se *erectus* também, evoluiu. Encurvada, primitiva quando em fases iniciais, mas hoje está edificada, é a edição mais recente, “corrigida”, renovada do momento. Aquela imagem darwiniana dos seres humanos em evolução, gradativamente se erguendo, merecia ser acompanhada, paralelamente, da evolução da linguagem que modificou a constituição humana, uma vez que, como acentua Benveniste, o ser humano é atravessado pela linguagem que lhe constitui (HOWARD, 1992).

Numa perspectiva imanentista, segunda a qual a linguagem está na natureza humana, sucede que o ser humano é, portanto, essencialmente um ser de linguagem. Nesse caso não é obra das relações sociais em si. Naquela forma de pensar, não se adquire a linguagem, apenas ela se desenvolve, como o ser humano se desenvolve com o tempo segundo um modelo de pensar piagetiano (PIAGET, 1999).

Dentro dessa linha de raciocínio, serve o que Piaget (1999) empregou acerca do desenvolvimento biocognitivo humano em relação com a aprendizagem. Para o suíço, ou se ensina cedo demais e não se aprende, ou se ensina tarde demais e já se aprendeu (COLL, 1987). Nesse sentido, a aprendizagem se dá numa condição naturalmente temporal desenvolvimentista, levando-se em conta um ser humano essencialmente de aprendizagem, isto é, que aprenderá.

A linguagem não é, necessariamente, um instrumento do ser humano, ainda que assim também se possa considerar. Isso porque, se fosse, haveria uma segregação entre eles (FIORIN, 2013). No entanto, são congregados, no sentido que linguagem e ser humano se confundem, não se separam. Se dele



se figurasse em uma ferramenta, esta poderia estar onde o ser humano não se encontra. Porém, não é, **a rigor**, assim que se processa, pois linguagem e ser humano se constituem reciprocamente. Para Benveniste (1902, p. 282), “falar de instrumento é pôr em oposição o homem e natureza. A picareta, a flecha, a roda não estão na natureza. São fabricações. A linguagem está na natureza do homem, que não a fabricou.”

O humano é um ser de linguagem, linguagem eficientemente representativa. “Nossa fronteira à face dos demais viventes” reside “em nossas faculdades e necessidade de aperfeiçoamento contínuo (FILHO; POMPEU, 2014, p. 102).” Isso nos rendeu nos destacarmos entre os outros animais e superá-los. As palavras de Benveniste (1902, p. 39) expressam que “a ascensão de Homo na série animal pode haver sido favorecida pela sua estrutura corporal ou por sua organização nervosa; deve-se antes de tudo à sua faculdade de representação simbólica, fonte comum do pensamento, da linguagem e da sociedade.” De acordo com Hayakawa (1963, p. 12), “a aptidão humana para a sobrevivência significa a habilidade de falar, ler, ouvir e escrever de modo a aumentar as possibilidades de você e os outros membros da sua espécie sobreviverem juntos.”

Conforme defendem alguns pesquisadores voltados para o estudo da origem manifesta da linguagem humana, esta se desenvolveu por imitações de sons animais, como dos cantos dos pássaros, muitas vezes para cooptá-los a armadilhas da caça. Era necessário caçar para comer, como também gritar para suscitar ajuda. A filosofia de Nietzsche manifesta que os seres humanos se mobilizam à mudança por necessidade. A linguagem, fundamentalmente, veio também da necessidade humana de relação interpessoal, para fins da cooperação que engendra e garante a manutenção da espécie (MOSÉ, 2018).

A linguagem humana foi emergindo significativamente da necessidade dos seres humanos se relacionarem. Diz a história que, pelo fato de eles serem sujeitos dependentes uns dos outros, tendo que deixar com seus vizinhos e/ou com outros entes da família os filhos para saírem a caçar e colher (HARARI, 2013), houve a necessidade de se criarem laços mais estreitos entre os sujeitos, o que foi viabilizado e potencializado pela linguagem. Essa linguagem de antes obviamente era muito mais bruta. Era simples aos olhos de hoje. Estruturava-se em termos breves, por vezes, inarticulados, expressando, quase sempre, o que



os olhos pudessem identificar. Havia aí um baixo grau de simbolização do mundo (GONDAR, 2010).

Rousseau (2017) lembrou como demorara tempo significativo para que a espécie humana fizesse uso de uma linguagem mais complexa, representando coisas objetivas e subjetivas, concretas e abstratas. Rousseau (2017, p. 66) pede para que reflitamos “sobre o tempo e os conhecimentos que foram necessários para descobrir os números, as palavras abstratas, o aoristo e todos os tempos verbais, as partículas, a sintaxe, ligar as proposições, os raciocínios e formar toda a lógica do discurso.” É fato que muitos anos duraram para que chegasse a linguagem servir à comunicação como se opera atualmente.

Em Harari (2013) é possível perceber que o desenvolvimento da linguagem tem a ver com a revolução cognitiva humana, o que fez o humano um ser qualificado em pensamentos e imaginações. Pensamento e linguagem se fundam numa relação íntima e retroalimentadora. Se o ser humano teve de pensar para trazer ao mundo palavras, destas também precisou para que o pensamento verbal fosse possível.

De acordo com Harari (2013, p. 41), em harmonia com a perspectiva chomskiana (CHOMSKY, 1998), o privilégio de nossa linguagem reside em ela ser “incrivelmente versátil”, porque, com ela, podem-se expressar muitos sentidos como efeito de algumas formas de construções gramaticais. Podemos conectar uma série limitada de sons e sinais para produzir um número infinito de frases, cada uma delas com significado mais ou menos diferente.

Talvez esteja no pensamento refinado em comunhão com expressões verbais refinadas a distância entre os humanos e os animais. É a linguagem humana, complexa como tal, o objeto constante de estudos, quer no aspecto estrutural, quer no pragmático, levando-se em conta tudo o que a prática languageira contempla. Ela carrega informações atuais e milenares, por meio da qual se pensa o mundo, representa-o, convence, persuade, discursa ideologias, viabiliza saberes de crença e de conhecimento. Vários ramos científicos se debruçam sobre a linguagem a fim de descrevê-la, prescrevê-la, analisar-lhe os efeitos de sentido pretendidos e efetivados nos interlocutores em circunstâncias sociodiscursivas (BRONCKART, 2003).

A linguagem avançou de um momento basilar de sua emergência primitiva para um de investigação científica. “Desde o grito de alarma do homem primitivo



até a última monografia científica ou notícia radiofônica, a linguagem é um fenômeno social, e a cooperação cultural e intelectual constitui o grande princípio da vida humana (HAYKAWA, 1939, p. 8)".

Ainda segundo Haykawa (1939, p. 6), "a linguagem pode processar acerca da linguagem; e este é o traço fundamental pelo qual o sistema humano de ruídos difere dos gritos de animais." O estudo da linguagem pela linguagem (metalinguístico), em que pese não ser o bastante para lidar com todas as formas de manifestação languageira, foi e continua sendo de grande valia para pensar a língua como um sistema inter-relacionando significantes e significados (CAMPOS, 2002).

O interesse da linguística avançou de um estudo da origem da língua, passando por uma visada microestrutural das composições das sentenças, chegando às investidas de pensá-la em uso nos mais diversos gêneros textuais (ORLANDI, 2017). Hoje investigar a linguagem em uso parece ser a ordem do dia dos estudos mais em voga. Dado o movimento humano de estudar a linguagem que lhe pode ser considerada imanente, é possível dizer que o ser de linguagem é essencialmente metalinguístico. Ao passo que olha para a linguagem e a si que ver refletindo dela. Para compreendê-la e compreender-se cada vez mais, coube-lhe pensá-la em várias perspectivas. Cada uma dessas é uma refinaria da qual retira o conteúdo que lhe convém destacar.

A espécie humana foi se distanciando da animal selvagem e da doméstica pelo refinamento que empreendeu na e pela própria linguagem. Concordamos com Hayakawa (1939, p. 17)", segundo o qual "de todas as formas de simbolismo, é a linguagem a mais altamente desenvolvida, a mais sutil e a mais complicada." Nossa linguagem refinada nos realiza o mundo, a ponto do refinamento de ruídos primitivos e inarticulados de outrora serem hoje representações do mundo que vemos e imaginamos, que significamos pela linguagem (MARQUES, 1997).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando se pensou, neste ensaio, o humano como um ser de linguagem, não se quis, com essa proposição, exprimir o sujeito de linguagem nos termos puramente chomskyano (CHOMSKY, 1998) e benevistiano. Embora de



concepções teóricas mais ou menos distintas, o ponto de encontro deles de repente se dê na questão de ambos pensarem o sujeito ser constituído pela linguagem. Em Chomsky (1998), há uma perspectiva imanente da linguagem, inserida no aparelho cognitivo humano. Em Benveniste, o ser de linguagem está na enunciação que revela o sujeito do enunciado como projeção do sujeito comunicante. Nesse momento, há uma aproximação do referencial teórico de Benveniste (1902) com o de Freud (2016), quando neste está que pela linguagem se pode entender o sujeito.

Grosso modo, o ser de linguagem que empregamos neste trabalho estaria no pico do tripé firmado pelos conceitos dos três teóricos acima: Chomsky (1998), Benveniste (1902) e Freud. A linguagem é inata ao ser humano, que é atravessado por uma linguagem que o constitui como sujeito, a tempo que esse sujeito é assujeitado e revelado pela linguagem com a qual se expressa. A linguagem refinada e em refinaria se verifica nos muitos estudos de referenciais teóricos distintos que, pensado a linguagem, pensam o sujeito, ainda se esqueçam de estar fazendo isso.

Do estruturalismo à pragmática, do interesse do estudo da língua como um sistema regular à análise do discurso centrada não nas intenções do comunicante antes da produção textual, mas sim nas reveladas no texto, tudo nos faz possível refletir sobre o ser de linguagem refinada. Refinada pelo homem que dela usufrui e nela se revela. Isso nos faz lembrar do aforismo que pegamos emprestado e que diz que se conhece a árvore pelos frutos. Analogamente, se conhece o ser pela linguagem, pelo interesse de investigá-la, desvendá-la, refiná-la. Colhe-se dos frutos da linguagem desenvolvida, cuja maturação o ser humano é fonte fertilizante.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARCHER, M. S. Corpos, pessoas e aprimoramento humano: porque estas distinções importam. **Teoria e Cultura**, 2019, vol. 14, no 2.

ARISTÓTELES. **Poética**. Tradução, comentários e índices analítico e onomástico de Eudoro de Souza. Ética a Nicômaco São Paulo: Abril Cultural, 1979.



BENVENISTE, E. **Problemas linguísticos gerais I**. Campinas: Pontes Editores. 1902.

BERGER, J. **Por que olhar para os animais?** Fósforo, 2021.

BITTAR, E. Democracia e utopias sociais: sobre os problemas da razão e da história na pós-modernidade. In: DOTTO, Karen Meira et al.(orgs). **Psicologia, Violência e Direitos humanos**. São Paulo: CRP SP, 2011.

BIZZOCCHI, Aldo. **O universo da linguagem**: sobre a língua e as línguas. Editora Contexto, 2021.

BORDENAVE, J. E. D. **O que é comunicação**. Brasiliense, 2017.

BRONCKART, J. P. Atividades de linguagem. **Textos e Discursos**- Por um interacionismo sociodiscursivo, São Paulo: EDUC, 2003.

CAMPOS, M. Resenha crítica: Visões plurais. **Revista Eletrônica do Instituto de Humanidades**, 2002, vol. 1, no 2.

CASTILHO, F. M.; MARTINS, L. P. As concepções evolutivas de Darwin sobre a expressão das emoções no homem e nos animais. **Revista da Biologia**, 9(2): 12-15. 2012.

CHOMSKY, N. **Linguagem e mente**: pensamentos atuais sobre antigos problemas. Editora Universidade de Brasília, 1998.

COLL, César. As contribuições da psicologia para a educação: teoria genética e aprendizagem escolar. **Piaget e a Escola de Genebra**. São Paulo: Cortez, 1987, p. 164-197.

DORNELES, E. F. **Memória, linguagem e história no Festival Nativista**. Organon, 2003, vol. 17, no 35.



EL-JAICK, A. P. O discurso é um grande soberano: o poder da linguagem e um elogio aos sofistas. **Revista Ética e Filosofia Política**, 2016, vol. 2, no 19.

FILHO, C. B.; POMPEU, J. **A Filosofia explica grandes questões da humanidade**. São Paulo: Casa do Saber, 2014.

FIORIN, J. L. **Linguagem e ideologia**. São Paulo, Ática, 1988.

FIORIN, J. L. A linguagem humana: do mito à ciência. **Linguística**, 2013, p. 13-46.

FOLEY, R. **Os humanos antes da humanidade**. Unesp, 1997.

FREUD, S. **Sobre a concepção das afasias**: um estudo crítico. Autêntica, 2016.

GONDAR, Jô. As coisas nas palavras. Ferenczi e a linguagem. **Cadernos de Psicanálise** (CPRJ), 2010, vol. 32, no 23, p. 123-132.

HARARI, Y. N. **Sapiens**: breve história da humanidade. Elsinore, 2013.

HAYAKAWA, S. J. A linguagem dos comunicados. In: HAYAKAWA, S. J. **A linguagem no pensamento e na ação**. São Paulo: Pioneira, 1963. Cap.03, p.29 - 42.

HOWARD, J. **Darwin**. Edições Loyola, 1982.

LOCKE, J. **Carta sobre a tolerância**. Hedra, 2011.

MARIN, A.; CASTRO, M. C. A última coisa humana? música na fronteira entre a humanidade e a animalidade. Proa: **Revista de Antropologia e Arte**, 2020, vol. 2, não 10, p. 80-104.

MARQUES, António. Representação e linguagem. **Revista da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas**, 1997, vol. 10, p. 13-23.



MARTINS, M. L. **A linguagem, a verdade e o poder-ensaio de semiótica social**. Edições Húmus, 2017.

MELLO, R. B. **A cultura da crença**: uma reflexão sobre o espaço simbólico e o simbolismo na arquitetura religiosa. 2007. Tesis Doctoral. Universidade de São Paulo.

MOSÉ, V. **Nietzsche e a grande política da linguagem**. Editora Vozes Limitada, 2018.

MOSÉ, V. **A espécie que sabe**: do homo sapiens à crise da razão. Editora Vozes Limitada, 2019.

OLIVEIRA, A. M. **A literatura fantástica na educação brasileira**: preconceitos, desafios e esperanças. Dialogia, 2017, no 26, p. 21-36.

ORLANDI, E. P. **O que é lingüística?** Brasileiro, 2017.

PIAGET, J. **A linguagem e o pensamento da criança**. Martins Fontes, 1999.

PROPP, V. **Comicidade e riso**. São Paulo: Ática, 1992.

ROCHA, E. M. Animais, homens e sensações segundo Descartes. **Kriterion: Revista de Filosofia**, 2004, vol. 45, p. 350-364.

SOUSA, J. E; SOUSA, N. B. A proposta de Virginia Held de uma defesa da prevalência do cuidado sobre os direitos humanos. **Veritas** (Porto Alegre), 2019, vol. 64, no 3.